

NOVAS REFLEXÕES SOBRE O CARTEL¹

Jacques-Alain Miller²

I – O Cartel no Mundo

Escolhi este título porque desejo apresentar e esclarecer um pensamento que vem me importunando há muito tempo. Alguma coisa me incomoda concernente ao cartel no mundo. É meu ponto de partida que me conduziu a um lugar diferente daquele que eu pensava ir.

Falta de entusiasmo

Em 1979 inventei com Éric Laurent o *Catálogo dos Cartéis*. Hoje, há cinco *Catálogos*, com a mesma capa e as mesmas rubricas. Tudo bem... Mas, não haveria nisso formalismo demais? Sinto, julgo sentir no mundo – posso estar enganado, e certamente serei desmentido, ou daqui, ou de outro lugar – uma certa falta de entusiasmo quanto ao cartel. Nunca ouço colegas de fora falarem de seus cartéis. Não vejo referências ao trabalho em cartel. Não percebo emoção quando colegas falam do cartel.

Mas, de fato, a tradição não é o cartel, é o curso magistral. Na Argentina, onde a Universidade estava amordaçada durante muito tempo e se manteve arcaica em seus métodos, verificou-se afluência aos mestres que dispensavam seu ensino fora da Universidade – mestres que não eram mestres por diploma, mas pelo carisma. Isso foi transportado para a Espanha e para o Brasil.

O Mais-um (ou o um-a-mais) do cartel, que é o líder funcional de um grupo minimalista (mínimo) não satura a demanda de carisma. O Mais-um é um líder, porém, um líder modesto, pobre. O *agalma* que

o suporta é não-denso. É investido fracamente. Pode-se atribuir-lhe, assim dizendo, um carisma de força 4, enquanto num país latino pelo menos, querem, parece, um carisma de ordem superior; o investimento maciço de um Mais-um que seja também um orador. A exigência de uma mediação oral para ter acesso ao escrito é estrutural, porém, basta o escrito ser menos presente na formação, que esta mediação passa a ser um fim em si mesma, converte-se em “guiação”³ (orientação) imaginária. Em resumo, tenho, muitas vezes, a sensação, ao evocar os cartéis de outros lugares, que entra nisso algum arremedo, um excesso forçado, parece haver aí algo de representação.

Dizendo isso, não vou ficar bem visto. Não ficarei bem visto em *outro lugar*. Com o que vou dizer agora, não ficarei bem visto *aqui*. Estou provocando para que me respondam. Tentando, às apalpadelas, refletir sobre este mal-estar a propósito do cartel no mundo, fui levado a retornar às origens do cartel – a voltar atrás também sobre o que nós, aqui, fizemos do cartel.

Nas origens do cartel

O cartel, diferentemente do passe, é contemporâneo da criação da Escola.

Tivemos Jornadas sobre a *Escola e a experiência do passe* durante a dissolução da EFP (Escola Freudiana de Paris) e na ECF (Escola da Causa Freudiana), sobre *O conceito da Escola e a experiência do passe* – nunca tivemos jornadas sobre *A Escola e a experiência do cartel*. Entretanto, do fato de ser o cartel contemporâneo da criação da Escola é lícito supor que ele é congruente com o conceito de Escola, e pode-se perguntar em que ele o é.

Duas observações preliminares

A primeira incide sobre a atualidade do pequeno grupo em 1964, no momento em que Lacan criava sua primeira Escola. Na época,

a ideia do trabalho em grupos pequenos de formação a partir do pequeno grupo, estava na ordem do dia na Sorbonne, com os Estudantes de Letras, especialmente pelo seu sindicato de agitadores, não de negociadores símbolo, a F.G.E.L. – Federação Geral dos Estudantes de Letras, que havia promovido a necessidade do que eles chamavam de G.T.U. – Grupos de Trabalho Universitário, convidando os estudantes a trabalharem juntos, numa base igualitária, sem os “profs.”, ou com o mínimo possível de “profs.” de maneira a fazer oposição ao curso magistral, prática tida como reacionária. É como se houvesse, nessa proposição, os pródromos de maio de 1968. A ideia de uma formação em pequenos grupos, em lugar do curso magistral, ou ao lado do curso magistral, já participava do movimento antiautoritário. O pró-cartel é antiautoritário. Viu-se isto em 1979-80, quando da dissolução da EFP, que começou renovando o interesse pelos cartéis.

Minha segunda observação é que o cartel encarna uma tese da teoria dos grupos – a um grupo é necessário um líder, todo grupo tem um líder. Esta tese pode se inscrever segundo as fórmulas da sexuação masculina, do mesmo modo que o passe correspondia, sobretudo, às fórmulas da sexuação feminina. A ideia de Lacan com o cartel é no sentido de que, ao mesmo tempo em que não adianta negar o fato do líder, pode-se adelgacá-lo ao invés de inflá-lo, reduzi-lo ao mínimo, de exercer uma função e, mais ainda, permutativa.

O trabalho da escola

Agora, então, retomei a frase de Lacan que introduz o cartel em seu *Ato de fundação*: – *Para a execução do trabalho adotaremos o princípio de uma elaboração sustentada num pequeno grupo.*

Comentário: O cartel, que é esse pequeno grupo, é um meio para executar um trabalho. Não é um fim em si mesmo. Sim, mas também não é exatamente um meio. Lacan preferiu dizer que é o meio. Lacan preferiu dizer que é o meio, e não para executar um trabalho, mas para executar o trabalho. O meio para executar o trabalho – com artigo definido.

Esta frase, se nela nos detivermos, diz que o trabalho da Escola passa pelo cartel. Poder-se-ia executar um trabalho desta ordem em seminários, cursos, conferências, jornadas de estudos. Justamente, Lacan não diz: – *Para execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração sustentada em seminários, cursos, conferências, jornadas de estudos.* Ele diz: – *Adotaremos o princípio de uma elaboração sustentada em um pequeno grupo.*

O trabalho. Que trabalho? No *Ato de fundação* de Lacan, a palavra *trabalho* é repetida muitas vezes. É encontrada no segundo e terceiro parágrafos. No quarto parágrafo, o autor fala da *tarefa*, no quinto, da *execução do trabalho*, etc. Termina com *trabalhadores decididos*. O *Ato de fundação* está sob a égide do trabalho. Mas, a que Lacan chama o trabalho da Escola? *É um trabalho – que no campo aberto por Freud, restaura a relha de arado, cortante da verdade – reconduzindo à práxis original por ele instituída no dever que lhe cabe em nosso mundo que, por uma assídua crítica, aí denuncia os desvios e comprometimentos.*

Em outras palavras, a exigência ética, epistemológica, alética, praxeológica, a que Lacan faz ouvir, presume-se que seja realizada por um trabalho, que é o trabalho da Escola, e este trabalho passa pelo cartel – não pelo seminário, pela conferência, pelo curso.

Cartel e passe

Por que para Lacan o cartel é congruente com o trabalho da Escola, na sua mais íntima e mais alta exigência?

Pode-se responder a esta pergunta.

Para respondê-la, é preciso primeiro indagar – o que comprometeu a verdade da psicanálise e desviou as práticas? Sabemos a resposta de Lacan, pelo menos em sua vertente institucional, pode-se encontrá-la em *Situação da psicanálise em 1956*. O ruim da história é a beatitude, o didata. Com efeito, o cartel, tal como Lacan o traz no *Ato de fundação*, é uma máquina de guerra contra o *didata e sua cambada*, como Lacan emprega algures a expressão.

Isto bem mostra o parentesco do cartel e do passe. O passe, como o cartel, é do ponto de vista institucional, uma máquina antididata.

Aparentemente, isto sempre tende a reformar-se, pois Lacan foi levado a dissolver esta Escola pelas mesmas razões que o fizeram fundá-la. O passe tem o resultado institucional evidente de fazer escapar a nomeação dos A.E. aos didatas. O cartel tenderia, na ideia de Lacan, a também fazer escapar da influência dos didatas os membros de base, incitados a entrar na *organização circular da Escola*.

Lacan acrescenta no *Ato: Isto de modo algum implica uma hierarquia de cabeça para baixo*. Deve-se reconhecer aí uma denegação. Pelo menos é colocar o didata de pernas para o ar (de cima para baixo). Se não é uma hierarquia invertida, mas sim uma organização circular, esta fica marcada num canto com igualitarismo seguro. No sistema dos cartéis um vale o outro. A ideologia do cartel tem um cantinho *equitativo*, nivelador. E, de fato, Lacan foi acompanhado, em todas as suas iniciativas, de uma *Fronda*⁴ dos notáveis que começou na própria fundação, prosseguiu no momento da *Proposição* do passe, e teve conclusão pela dissolução da primeira Escola.

O Plano Lacan

Quando se percebe que, na intenção de Lacan, o trabalho da Escola passava pelo cartel e não pelo seminário, conferência, etc., então se compreende a função das Seções da Escola. Lacan previra três Seções, que eram também reagrupamentos de cartéis.

Este plano da Escola, o Plano Lacan, jamais foi realizado. Segundo esse plano, o trabalho da Escola se executa nos cartéis. Havendo cursos, seminários, conferências, isto se faz fora da Escola. Aliás, o Seminário de Lacan era fora da Escola. O *Ato de fundação* diz que o próprio da Escola, em sua relação à verdade, é o trabalho em cartéis.

A questão poderia ser atual. Basta decidi-la. Isto implicaria interrogar-se sobre o ponto de saber: por que nunca se realizou o Plano Lacan? Por ser irrealizável? Por não se poder inibir o crescimento de carismas, nem a demanda de carisma? Deve-se realizar este plano? Ou seria um fundamentalismo do cartel? Será preciso modificar alguma coisa da definição do cartel, ou da prática do cartel, para realizar o Plano

Lacan? Como, afinal, foi preciso completar a *Proposição* do passe para renová-lo. Dizem-me haver alguma incerteza quanto aos cartéis. Se este é o caso, é preciso escolher: continuar sob o impulso ou repensar com novos esforços ou gastos.

Jacques-Alain Miller respondeu às perguntas da audiência nos seguintes termos (resumo):

A pergunta que fica sobre o Plano Lacan de 1964 é a seguinte: queremos ou não que a Escola fique à parte? A ideia inicial é de uma Escola à parte, e que, por isso mesmo, responde à pergunta que lhe faz, ou deveria fazer, a sociedade ou então o Estado: a da qualificação do psicanalista. De que modo pretendemos ficar à parte? Ou talvez queiramos não ficar à parte? Como conceder o máximo de intensidade à Escola? Será importando o que funciona com sucesso em outros lugares? Ou ao contrário, indo ao cabo de nossa especificidade, tal como Lacan a desenha aqui? Assumindo-a e trabalhando-a? A Escola se converteu em Escola das ACF? O conjunto das ACF? Ou ela ficará sendo seu “Mais-um”? Isto implica em reinventar sua diferença. O passe já coloca a Escola à parte. O cartel também poderá colocar a Escola à parte? Ou ele (o cartel) está definitivamente banalizado?

*Texto em francês estabelecido por Catherine Bonningue.
Tradução para o português de Luiz de Souza Dantas Forbes*

II

A Escola do Avesso

Compreender o novo reaquecendo o antigo.

Confúcio – Conversas II, III

Uma leitura atenta do *Ato de fundação* não deveria deixar dúvida nenhuma: na intenção de Lacan, o trabalho da Escola – “restaurar a verdade..., trazer de volta a práxis... no dever..., denunciar os desvios e os comprometimentos...” – passava pelo cartel. Pelo cartel quer dizer:

não pelos seminários, nem pelos cursos, conferências ou colóquios. Nada disso tudo: pelo cartel.

Será preciso voltar ao Plano Lacan de 1964? Fiz ontem a pergunta, na Jornada dos Cartéis. Convidado do *Avesso*, sigo no meu impulso.

A Escola da Causa Freudiana sabe que é nova. Ela enceta sua época segunda, tem estatutos novos. Trata-se da ECF2. Isto é fato estabelecido, o que, porém, não dispensa que se antecipe sobre o processo em andamento. Um esforçozinho de imaginação, e de dedução, é requerido para ficar *ahead of the curve*.⁵

As ACFs (Associações da Causa Freudiana) são, para a Escola, um caso de sorte. E também um perigo.

Com efeito, as ACFs agora estendem sua rede sobre a França toda, sem contar a Bélgica francófona; o avesso lenvatará seu voo em Paris; o nome da Escola, suas publicações, suas atividades chegarão amanhã às aldeias, estamos no limiar de uma expansão inédita em sua amplitude, e que marcará a história da psicanálise na França. Tudo bem.

As ACFs se insinuam nos interstícios oferecidos pelo tecido social, nele se entrançam bem mais ágeis, para tricotar aí, do que pode a Escola fazer. É o que pretendíamos.

Queremos agora que a Escola seja o nome do conjunto das ACFs? Que ela se torne a Escola das ACFs? As ACFs avançam na Escola. Esta já precisou repelir o assalto, bem amistoso, da Ilha-de-França. Se a Escola não pretende se tornar o conjunto das ACFs, porém ficar sua Mais-uma, ela precisa “se reajustar em suas tarefas próprias” (ver o *Prefácio do Anuário 1995*), isto é, reinventar sua diferença. Sua diferença seria ser um organismo coerente com o discurso analítico.

Ela é isso, quando a ela se chega e se une, não pela via do serviço prestado, mas pela do passe, modo de seleção que lhe é próprio, e que permanece incontestável.

Ela não é isso, quando os ensinamentos por ela prodigados em nada se distinguem do que se faz em qualquer outro lugar, nas ACFs, nas Seções Clínicas, na Universidade, na I.P.A. – *International Psychoanalysis Association* (Associação Internacional de Psicanálise).

Aplicar o Plano Lacan de 1964 seria colocar extra-Escola, ou sobre o contorno da Escola, tudo o que seja seminário, conferência,

curso – livrar um espaço central para “o trabalho da Escola”, executado segundo o “princípio de uma elaboração sustentada em um pequeno grupo”. Assim, a Escola do passe seria também a do cartel.

Com uma ressalva, este cartel aí não seria aquele que praticamos e que foi definido por Lacan – observamos, afinal – para benefício da Causa Freudiana, não de sua Escola então inexistente.

Devemos distinguir os cartéis ACF e os cartéis da Escola? A questão foi formulada. O fato é que o cartel modelo de 1964 dava ao Mais-um uma função que se perdeu, no mesmo movimento que desclassificou o cartel.

O cartel hoje é, com efeito, um órgão onde se faz aprendizado. Quando este acabou, ou isto se julga, a tendência é desistir do cartel. Ora, o cartel de aprendizado não está na intenção primeira de Lacan. O cartel original era um órgão de crítica e de controle das produções. Daí o papel da pessoa “Mais-uma”, “encarregada da seleção, da discussão, e do destino⁶ reservado ao trabalho de cada um”. No cartel contemporâneo, nem se compreende mais o significado disso.

Podem dizer talvez: o que fazia sentido numa Escola com apenas cem membros, como era a EFP em 1964, não tem sentido para a numerosa ECF com seu cortejo da ACF. Isto eu contesto. Quem são hoje os selecionadores? Quem são os que decidem sobre o fim a ser reservado aos trabalhos? São os comitês: comitês de organização, comitês de redação, comitês de gestão, como é a Diretoria cuidando de inúmeros negócios, aos quais se submetem seu trabalho, e que respondem com sim ou não. Em um conjunto tão vasto onde fazer “reconhecer seu trabalho” – e não digo fazê-lo publicar – ficará cada vez mais difícil. Vocês não gostariam de fazer parte de um pequeno grupo composto de colegas disponíveis, que ficariam conhecendo as elaborações de vocês para discutir-las e fazendo vocês reelaborá-las? Era isso mesmo, o cartel de 64.

Vamos ler uma vez mais o *Ato de fundação*. Não se tratava de uma elaboração sustentada *por* um pequeno grupo, mas *num* pequeno grupo; não se tratava de proscriver “iniciativas pessoais”, mas submetê-las todas na Escola às “condições de crítica e de controle”. Não são os comitês sobrecarregados de tarefas práticas que serão capazes de atender essa exigência, mas sim os cartéis.

Fatos curiosos posso citar muitos, em apoio a isso. Tal colega, publicado em lugar de destaque na prestigiosa revista da Escola, desespera-se, entretanto, por sua elaboração não provocar nenhum eco. Tal outro publica sem mencionar, talvez sem saber, os ditos de um colega, e ninguém lê com atenção suficiente para percebê-lo. Não digamos nada da emoção produzida pela crítica, quando feita em público, fato raro – nem da emoção produzida pelo silêncio de toda crítica (chama-se isso desgosto; desgaste da unidade, desgosto para todo gosto⁷).

Apresentar suas elaborações num pequeno grupo, ser ouvido, criticado, aconselhado pelos companheiros, não precisar solicitar sozinho a publicação de seu trabalho, a programação do que expõe, mas ter seu cartel, seu Mais-um por intercessores – não seria isso melhor do que a situação precedente na Escola?

Se quisermos que isso seja feito, pouco menos que uma reformulação do cartel será necessária. Isso questiona uma poderosa rotina que aí está. Para mudar os usos de um corpo constituído, um sozinho nada pode (a menos que seja Meiji).

Estando só, cuidado com as tranças.

Tradução de Luiz de Souza Dantas Forbes

¹ Este texto refere-se, em sua parte I, a uma intervenção na Jornada de Cartéis da ECF, em 08/10/94. Já a parte II trata de um escrito de 09/10/94. O autor precisa que as opiniões aqui contidas foram emitidas especificamente para a Escola da Causa Freudiana de Paris (EFP), levando-se em conta seus doze anos de existência. A versão atual foi revisada pela editora deste *Manual*.

² Fundador da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) e seu primeiro Presidente; AME pela *École de la Cause Freudienne* (ECF); Diretor do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII, onde apresenta, anualmente, os *Cursos da Orientação Lacaniana*.

³ “Guidance” no original não consta no Dicionário Larousse.

⁴ *Fronde*: processo de insubordinação do parlamento francês e, posteriormente, dos nobres (príncipes) durante a minoridade de Luís XIV.

⁵ Expressão em inglês que poderia ser traduzida por “a frente do que aparecer”.

⁶ Em francês, *issue* significa saída, destino, fim, passagem; em inglês, além destas acepções, significa também questão, problema.

⁷ Referência ao texto de Jacques Lacan “*Télévision*”, p. 41, já traduzido nessa linha.